

Fotos: Wanderlei Pozzembom



Lúcia Aguiar abraça a filha logo após o parto. O bebê nasceu com 50 centímetros de altura e 3,3 quilos. Por ter pressão alta, a mãe recebeu atenção especial da obstetra e das enfermeiras do Hospital da Ceilândia

Como é ter um filho na Ceilândia

Gritos, gemidos. Médicos se desdobram para atender todo mundo. Premiado pelo Unicef, hospital faz, em média, 25 partos por dia

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

“Quando vier a dor, faça força e aperte os ferros! Vai! Força! Com raiva! Vai que tá nascendo! Não! Não grita, não! Descansa, que na próxima nasce!”. É essa a “música” que ouvem, diariamente, sem cessar, os funcionários que atuam no centro obstétrico do Hospital Regional da Ceilândia (HRC).

Apesar da taxa de natalidade estar caindo 3%, em média, em todos os hospitais regionais do Distrito Federal, por causa da melhor compreensão das técnicas anticoncepcionais, a Ceilândia continua sendo uma das cidades campeãs em nascimentos. Compete apenas com o Gama, onde a taxa de natalidade está aumentando,

em vez de diminuir, e com o Plano Piloto, onde há o Hospital Regional da Asa Sul, que atende apenas a área materno-infantil.

De janeiro a outubro deste ano, foram feitos, na Ceilândia, 7.342 partos, alguns de gêmeos. Nasceram por lá, ao todo, 7.393 novos habitantes do planeta Terra.

Dia, noite, madrugada... Obstetra é o médico que menos pode planejar os momentos de descanso. A qualquer instante, “um carequinha desdentado” pode querer vir à luz. No Pronto Socorro do HRC, a entrada de mães prestes a ganhar bebê não pára nunca. Os procedimentos da equipe se assemelham ao de uma linha de montagem de fábrica, extremamente bem organizada. Geralmente, há dois obstetras para receber as mães que

estão sentindo contrações.

Eles fazem o exame do toque para avaliar se há dilatação do colo do útero, se está na hora do bebê nascer. Verificam também a pressão da gestante. Se estiver muito alta e a mulher muito inchada, o caso é de emergência e não há tempo a perder. Esses são os sinais de uma pré-eclâmpsia, problema que pode prejudicar o feto e até mesmo matar a mãe. Opta-se, então, por uma cesariana.

As mães que não apresentam complicação são levadas ao centro obstétrico, onde recebem as atenções de outros dois obstetras e um residente. A equipe de enfermagem se desdobra em mil para dar conta do preparo para o parto e para acalmar a mulherada que grita de dor. É comum encontrar enfermeiros e auxiliares de enfermagem que trabalharão durante toda a noite e continuarão sem pregar o olho de dia para cobrir a falta de algum colega. “Estamos estressados”, reclama uma auxiliar que pediu para não ser identificada.

VAI NASCER

“Vai nascer! Não agüento mais!”, gritam ao mesmo tempo três, quatro, cinco mulheres que já estão deitadas no pré-parto. Algumas, mais exageradas, ameaçam se jogar no chão, chegam a pedir facas para se matar, dizendo não suportar mais a dor. Outras, tranquilas, agüentam as contrações respirando profundamente, apertando os dentes nos lábios, sacudindo as pernas, chamando baixinho por Jesus.

No hospital da Ceilândia tudo é muito diferente do que se vê em um bom hospital particular. A mulher não tem a opção de escolher o médico que vai fazer o parto. Aliás, corre o risco de ter o bebê na mesma sala em que outras quatro mulheres estão gritando porque também vão dar à luz.

Em caso de parto normal, não há assistência de um anestesista. É o próprio obstetra quem anestesia o local que será cortado para facilitar a passagem da cabeça da criança. A agulha da seringa de anestesia local é enorme, mas, como o obstetra apro-

veita a contração para aplicá-la, a mãe praticamente não sente nada.

Na quarta-feira passada, quando o **Correio Braziliense** acompanhou sete partos normais e uma cesariana feitas no HRC, a gestante Maria Estela Carvalho Souto não teve tempo nem mesmo de passar pela lavagem intestinal, obrigatória no preparo das mães. O sexto filho estava encaixado na posição certa e Maria Estela deu entrada no hospital com dilatação total.

CORRERIA GERAL

O *malandrinho* ia pular a qualquer momento em busca de luz e de mais vida. Uma maca trouxe Maria Estela às pressas para a sala de parto normal e o bebê nasceu antes mesmo de Edna Ritz, uma outra mãe que já estava gritando na sala de parto, dar à luz.

A médica Lúcia Esperanta, 60 anos, pedia que Maria Estela fizesse força. Quando ouvia Edna gritar, pedia: “Você não. Não faça força agora”. Depois voltava para Maria Estela: “Vamos lá mãezinha... Faz força, e não faça o parto da outra primeiro e

tenho que te deixar aí”.

Médica experiente, Lúcia tem um jeito especial de tratar cada uma das gestantes que aparecem para ter bebê. Sabe identificar a que não está querendo colaborar. Sabe a que está se esforçando para ajudar o filho a vir ao mundo.

A bagagem de vida que Lúcia adquiriu, trabalhando 13 anos na Ceilândia, é enorme. Como todos os outros obstetras do HRC, ela passa por dificuldades. Trabalha sem parte do material necessário, convive com infiltrações nas paredes e faz várias cesarianas, por dia, em uma sala quente onde não há ar condicionado.

Apesar de tudo, Lúcia tem amor pela causa e parece estar sempre de bem com a vida. Na quarta-feira, trabalhou o dia todo. À noite ficou no lugar de uma colega, e continuou a fazer partos na manhã de quinta-feira. Mesmo que tenha tirado algum cochilo em momentos menos agitados da madrugada, só foi descansar de verdade na quinta-feira à tarde. Haja resistência.